

**Ambiente**

# Corredores verdes

Um estudo do Ibama propõe a interligação dos parques e reservas naturais da Amazônia

Eduardo Junqueira

**A**té o final deste ano a Floresta Amazônica vai encolher 2 milhões de hectares. É uma área verde equivalente à do Estado de Sergipe, colocada abaixo para a extração de madeira, abertura de estradas e queimadas. Pior que as dimensões da devastação é o seu ritmo, que praticamente dobrou nos últimos quatro anos. Um grupo de especialistas contratados pelo Ibama acaba de concluir um estudo que, se não coloca um ponto final no problema, tem o mérito de propor novas alternativas de sobrevivência para milhares de espécies que habitam a maior floresta do planeta. Ele propõe a criação de cinco grandes corredores biológicos interligando parques e reservas naturais, de modo que os animais possam transitar livremente por eles. Além desses cinco corredores amazônicos, o projeto prevê mais dois na Mata Atlântica, na região litorânea do país.

O corredor biológico é um conceito novo em preservação do meio ambiente no mundo inteiro. Sua grande vantagem é que se pode fazer muito com poucos recursos. Os corredores propostos na Amazônia, por exemplo, cobririam 34% da área total da floresta, mas neles estão concentrados 75% de toda a biodiversidade da região. Isso inclui a sumaúma, a maior árvore amazônica, e animais muito ameaçados de extinção, como o macaco uacari-branco, o peixe-boi, a onça e a ararajuba (*veja quadro*). Com apenas esses cinco corredores seria possível interligar 73 unidades de conservação — incluindo vários parques nacionais —, mais 116 reservas indígenas já existentes.

**Caçar e procriar** — A criação de corredores não significa que o restante da floresta hoje existente poderia ser destruído sem problemas. É apenas uma

garantia de espaço mínimo para as espécies. Território contínuo é importante por várias razões. A mais óbvia é a possibilidade de abrigar grandes mamíferos, que necessitam de áreas extensas para caçar e procriar. Além disso, animais de uma mesma espécie que nunca se encontravam, por viver em reservas isoladas, poderão procriar juntos, o que aumenta sua variabilidade genética. “Isso é fundamental para fortalecer espécies ameaçadas contra pragas e predadores”, diz Gustavo Fonseca, um dos autores do estudo.

Fora do Brasil, há outras propostas ambiciosas de corredores biológicos. Uma delas, discutida há cinco anos, pretende desenhar uma linha verde através de toda a América Central, partindo de Belize até o Panamá e atingindo sete países. Seria o primeiro passo para permitir que felinos de grande porte, como as onças, possam deslocar-se da Patagônia, no extremo sul da Argentina, até o norte do Canadá, como ocorria no passado. Aberto o canal, estima-se que um grande fluxo de material genético volte a se movimentar entre a América do Norte e a do Sul. Ao contrário do que ocorre na Amazônia, a criação do corredor na América Central esbarra no grande número de cidades construídas ao longo do caminho. ■

## Oásis na selva

Onde ficam os corredores biológicos planejados na Amazônia e alguns exemplos de espécies que seriam protegidas



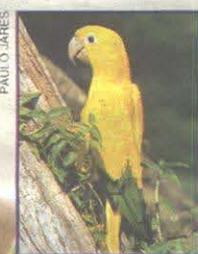
**Central** — O corredor mais próximo de Manaus é cortado pelo Rio Negro e tem animais como o peixe-boi e o **uacari-branco**



**Oeste** — Inclui os seringais do Acre e é o refúgio de **onças** e outros mamíferos de grande porte



**Norte** — Na fronteira com a Venezuela e a Colômbia, engloba o Parque do Pico da Neblina. É habitado pelo **galo-da-serra**



**Sul** — É a região mais ameaçada pelo desmatamento, motivado pela extração de madeiras nobres, como o mogno. É onde vive a **ararajuba**

**Ecótonos Sul-Amazônicos** — Na divisa com o cerrado, abriga o **lobo-guará** e o tamanduá-bandeira. Abrange o Parque Nacional do Araguaia e a Reserva Caiapó

